

PERMISSÃO CONCEDIDA

Leandro Rodrigues¹

Havia, em uma cidade normal, um Menino de 8 anos de idade que morava em uma humilde casa (com um quarto, sala, cozinha e banheiro), juntamente com o Pai, a Mãe e sua Irmã. Esta sua Irmã era 4 anos mais velha do que ele e estava naquela fase em que não era mais criança e ainda não era adolescente, porém, julgava-se adulta. O Menino não entendia o motivo pelo qual sua Irmã passava o dia inteiro ouvindo rádio e cantando músicas que sequer sabia o que diziam suas letras. Dava-se bem com sua Irmã, mas, como todos os irmãos, às vezes, brigavam, sobretudo, pela TV, pois possuíam apenas uma em casa e ambos teimavam em assistir aos programas compatíveis em horários e incompatíveis em canais. A briga era ferrenha, mas ao final, geralmente, o Menino cedia, pois percebia que sua mãe ficava agitada com a discussão dos filhos e, por amor à Mãe, resolvia ceder.

Uma outra habitante da casa era sua Mãe, a mulher mais carinhosa, compreensiva, excepcional e gentil que ele conhecia em seu grande e proporcional mundo pequeno. Era do núcleo familiar, a quem o Menino era mais apegado. O Menino olhava sua Mãe, às vezes em silêncio, e perguntava a si mesmo, recordando as aulas de catecismo:

- Será que minha Mãe é uma Santa? Ela é igual a tudo o que a Tia ensinou no catecismo.

¹ Leandro A. Rodrigues é licenciado em Letras pela UCP (2001). É especializado em Literatura Infanto-Juvenil pela UFRJ (2005) e Mestre em Educação pela UCP (2008). Trabalha como professor de Ensino Médio na Rede do Estado do Rio de Janeiro, desde 2006. É professor e coordenador do Seminário e Educandário Diocesano Nossa Senhora do Amor Divino em Petrópolis, desde 2002. E, é professor e coordenador do Curso de Letras da UCP, onde também é coordenador da Escola de Idiomas, desde agosto de 2008.

Realmente, a Mãe do Menino era uma santa. Amava a seus filhos sem nenhum pudor e dizia sempre uma frase que o Menino guardou, sem jamais esquecer:

- Sou mãe por amor e não por acaso.

O último morador era seu Pai, comerciante de muita força física. Sem dúvida alguma, era o Pai a pessoa que o Menino mais admirava no mundo. Era o seu verdadeiro ídolo. Queria ser igual a ele quando viesse a crescer, mas, em sua cabecinha, mesmo que pueril, sabia que era muito diferente do Pai. Mas isso não importava. Sentia orgulho de tê-lo como pai. Às vezes, buscava pontos que o identificasse com o Pai, mas não conseguia encontrar. Enquanto o Pai era apaixonado por judô, o Menino amava futebol; enquanto o Pai conseguia grande desenvoltura no trabalho braçal, o Menino ficava horas e horas estudando, lendo. Mas isso não tinha importância, afinal, o Pai ajoelhava-se ao chão, mesmo sendo um péssimo jogador, para jogar futebol de botão com ele; o Pai, embora sequer soubesse levantar a bola, tentava ensiná-lo a fazer embaixadas. E, em contrapartida, embora o Menino detestasse soltar pipa, ficava em cima da laje com o Pai, segurando a sua latinha de leite em pó, enrolada com o carretel novo de linha que o Pai acabara de lhe dar. (Desde novo, inconscientemente, sabia o Menino que o verdadeiro amor deve saber dividir.) O Menino tinha certeza de que, embora fosse mais apegado à mãe, era o Pai o seu melhor amigo.

O Menino estudava, estava na 2ª série e tirava boas notas. Nas horas vagas, o Menino lia os gibis que, semanalmente, ganhava da tia materna. E, assim foi ganhando gosto pela leitura. Aos sete anos já havia lido todos os livros da “Coleção Sapeca”, “As Aventuras de Robinson Crusóé”, todas as histórias de “A Turma da Mônica” e do “Tio Patinhas”. Sabia até imitar a voz do Pato Donald. Todavia, muitas vezes, sentia vontade de chorar durante a noite, às vezes, sem ter motivo algum; outras, porque se lembrava do seu

cachorrinho que havia morrido há alguns meses e sentia muitas saudades dele; outras ainda, quando lembrava de alguma história triste que vira na televisão. O Menino chorava baixinho no canto do travesseiro e adormecia banhado por lágrimas.

O Menino era muito ocupado e quando não estava lendo, jogando bola ou chorando, gostava de sonhar. Muitas vezes, começava a planejar o que haveria de ser quando viesse a crescer. Sua Mãe, em sua humildade, dizia que ele haveria de ser um inventor, porque vivia inventando novidades com os seus brinquedos, como da vez em que colocou as traves de sua mesa de botão para acabar com as fraudes decorrentes da mobilidade da mesma. Mas, o Menino sonhava diferente, queria ser jogador de futebol, porém, sabia que era algo muito difícil, porque era apenas bom de bola e para ser jogador de futebol ele sabia que tinha de ser o melhor; depois, resolveu ser narrador de futebol e vivia ensaiando, narrando durante os próprios jogos de botão, quando criava chavões, copiava termos das autoridades da imprensa esportiva, entrevistava jogadores e etc..

Creio que todas as crianças têm tais ilusões. Fazem alguns planos do que haverão de ser. Agora mesmo, ao falar desse Menino, recordei-me de minha infância. Ah! Tempo bom, quando minha Filosofia se resumia àquela única pergunta. Todavia, devo continuar a narrativa. Desculpe-me, caro Leitor ou Leitora, pela divagação, haverás de perguntares se isto que lêes se trata de um conto ou de um ensaio. Digo-te: trata-se de um conto e já-já, perceberás que, de acordo com as técnicas do conto, ocorrerá alguma complicação e em seguida um desfecho súbito.

O Menino ia, assim como todos os meninos de sua idade, diariamente, ao colégio. Conversava com todos, mas, como seus colegas diziam, ele falava sobre muitas coisas que apenas os adultos falavam. De fato, o Menino era assim. Questionava tudo que via, mas era muito tímido e por isso, o seu questionamento não alcançava dimensões além de sua

própria dúvida. Aos poucos, com o passar do tempo, alcançava as respostas às suas auto-indagações. Não compreendia muito bem isso, mas já sabia que o tempo capacita as pessoas e as torna melhores.

Pois bem! Foi em decorrência dessas indagações que, em um certo dia, deparou-se com um grande dilema. Tudo começou em virtude de uma desavença entre dois colegas que chegaram às vias de fato e um deles saiu machucado. A Tia da turma foi separar a briga, porém, um dos colegas estava chorando muito. O Menino não sabia se era de raiva ou de dor. Transtornada com aquela agitação do aluno, a professora do Menino veio a vacilar e, num momento de distração, declarou em alta voz e em bom som:

- Para de chorar, Fulano. Você não é homem não? Fique sabendo que homem que é homem não chora.

O brigão, automaticamente, parou de chorar e com uma das mãos ficou sufocando os soluços que tentavam saltar pela boca, enquanto que, com a outra, ficou enxugando as lágrimas espontâneas que escorriam por sua face. Aparentemente, tudo estava resolvido, de forma superficial, pois, com isso, a professora conseguiu acalmar os ânimos; porém, conseguiu desencadear uma verdadeira avalanche na cabeça do Menino. Como o Menino indagava sobre tudo, acabou fazendo um exame de consciência, onde se lembrou das vezes em que chorava baixinho, deitado em seu travesseiro. Em seguida, o Menino tomou uma resolução:

- De hoje em diante, não choro mais.

Depois, o Menino começou a se culpar:

- Por que eu chorei tantas vezes? Eu sei que sou homem, mas se alguém da escola um dia, descobrir... Não. Ninguém poderá descobrir, pensava o Menino, desde que eu não conte, jamais, nada a ninguém.

Mais adiante, o Menino indagou-se novamente:

- Mas, e se a professora estivesse errada e se homem pudesse chorar? Não, a professora não errava, pensou o Menino em sua inocência, senão, não poderia ser professora.

Desse modo, o Menino foi para casa, sentindo vontade de chorar, mas não chorou. Não sabia por qual motivo sentia tanta falta de momento atrás, quando ainda podia chorar, quando ainda lhe era permitido tal ato.

Chegou a sua casa. Pensou em perguntar ao seu Pai se homem podia chorar. Porém, desistiu, pois se realmente homem não pudesse chorar, seu Pai haveria de desconfiar que ele já havia chorado e, com isso, certamente ficaria decepcionado com ele, pensou o Menino. Pensou ainda em perguntar à sua Mãe, entretanto, ela poderia vir a comentar com o seu pai e, novamente, havia a possibilidade da decepção.

A noite chegou. Todos se recolheram. O Menino deitou-se, mas manteve-se acordado. Não conseguia dormir, porque pensava naquela proibição recebida há algumas horas. Naquele exato momento, sentia vontade de chorar. Queria chorar, mas não podia. Sofria com aquilo tudo, pois esta proibição significava: não mais se lembrar do seu cachorro; não mais se emocionar com um desenho, com um filme, com uma história; não mais se emocionar com a própria vida; não mais ter a ausência de motivos para chorar. E, não houve um minuto sequer em que ele não pensou nisto.

O tempo foi passando. O Menino foi se acostumando com a obrigação de não poder chorar. Houve um dia em que seu problema quase foi resolvido. Foi quando estava sentado ao sofá, assistindo à novela com sua Irmã e, de repente, uma personagem masculina começou a chorar. Reluzido de espanto, ele perguntou à Irmã:

- Ele está chorando?

- Não vê que em novela tudo é de mentira, ô Piralho.

Pronto, tudo voltava à estaca zero. Se era mentira, então, um homem, realmente, não deveria poder chorar.

Novamente, alguns dias se foram e o Menino continuou pensando naquilo. Até que em um domingo, em que o Pai estava de folga e resolveu repregar o velho armário da cozinha, e o menino foi ansiosamente ajudá-lo, tudo foi modificado, já que, em determinado momento, o Pai deu uma martelada tão forte no dedo que, logo após dar um grito e exprimir uns dois ou três palavrões, que fizeram o menino afastar-se (não por medo, mas por instinto pacífico), o Pai, inconscientemente, permitiu que rolassem duas ou três lágrimas por sua face. Atento a tudo, o Menino não hesitou e perguntou:

- Pai, você está chorando?!?

- Claro, não vê que foi muito forte e está doendo muito?

Ante essa interrogação, o Menino não pode se conter e caiu na gargalhada, pois, afinal, era permitido a qualquer homem chorar, porque o seu Pai, que era o maior homem que ele conhecia, chorava. Portanto, certamente, era permitido que homem chorasse. E, o Menino gargalhava desabridamente, pois pensava:

- Se meu pai chora, então eu posso chorar. Se alguém vier me dizer que homem não chora, posso dizer que é mentira, pois meu Pai chora.

E, a cada reflexão, o Menino gargalhava mais; e, a cada gargalhada, sentia o alívio da ausência daquele fardo culposo que o acompanhou durante tantos dias.

O Pai, completamente impaciente, sem entender o que estava se passando e ainda, muito alucinado de dor, ficou muito nervoso e o colocou de castigo. Entretanto, jamais, o Menino havia ido para um castigo com tanto prazer. Mesmo no castigo, o Menino não

parava de rir. Ria o riso dos sensíveis. Ria o riso de quem pode chorar. Ria o riso da
deliciosa permissão concedida.

Petrópolis, maio de 2000. nº 0934